Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19703
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

CARTOGRAFIAS DOS ESPAÇOS DIASPÓRICOS NA ESCRITA ROMANESCA CAROLINIANA

Cristiane Viana da Silva Fronza (UFPI)
Professora do Curso de Letras Português e Francês da Universidade Federal do Piauí.
Líder do Grupo de Pesquisa em Literatura e Crítica Feminista-NUA.
E-mail: cristianevyanna@yahoo.com.br.

"Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos" (Jesus, 1960, p.27)

RESUMO

Este artigo analisa as espacialidades diaspóricas construídas nos romances *Pedaços da fome* e *Dr. Silvio*, de Carolina Maria de Jesus, investigando como os deslocamentos entre campo e cidade participam da constituição de experiências marcadas por desenraizamentos, pertencimentos tensionados e processos contínuos de reinvenção subjetiva. Parte-se da compreensão de que o espaço, na escrita romanesca caroliniana, ultrapassa a condição de cenário para converter-se em uma dimensão constitutiva da experiência humana, na qual se inscrevem as marcas da fome, da pobreza, da exclusão e da resistência. Fundamentado nas reflexões de Milton Santos, Gaston Bachelard, Stuart Hall, Paul Gilroy, Rogério Haesbaert e Deleuze e Guattari, entre outros estudiosos do espaço, da diáspora e da territorialidade, o estudo adota uma abordagem bibliográfica e interpretativa. A análise evidencia que os percursos de Maria Clara e Maria Alice configuram cartografias atravessadas por processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, revelando espacialidades que condensam tensões de classe, gênero e pertencimento. Favela, cidade, casa e campo emergem, assim, não apenas como lugares físicos, mas como territórios afetivos e simbólicos nos quais memórias, ausências, conflitos e desejos são continuamente negociados. Conclui-se que a escrita caroliniana transforma os territórios da exclusão em espaços de produção de sentido, elaborando uma cartografia sensível das experiências diaspóricas e evidenciando que, mesmo nas geografias produzidas pela marginalização, emergem formas de pertencimento, resistência e reexistência.

Palavras-chave: Espaço diaspórico, Carolina Maria de Jesus, Diáspora, Territorialidade, Pertencimento.

RÉSUMÉ

Cet article analyse les spatialités diasporiques construites dans les romans *Pedaços da fome* et *Dr. Silvio*, de Carolina Maria de Jesus, en examinant comment les déplacements entre la campagne et la ville participent à la constitution d'expériences marquées par le déracinement, des appartenances en tension et des processus continus de réinvention subjective. L'étude repose sur l'idée que l'espace, dans l'écriture romanesque carolinienne, dépasse la fonction de simple décor narratif pour devenir une dimension constitutive de l'expérience humaine, où s'inscrivent les marques de la faim, de la pauvreté, de l'exclusion et de la résistance. Fondée sur les réflexions de Milton Santos, Gaston Bachelard, Stuart Hall, Paul Gilroy, Rogério Haesbaert et Deleuze et Guattari, entre autres chercheurs ayant travaillé sur l'espace, la diaspora et la territorialité, cette recherche adopte une approche bibliographique et interprétative. L'analyse met en évidence que les parcours de Maria Clara et de Maria Alice dessinent de véritables cartographies traversées par des processus de territorialisation, de déterritorialisation et

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19703
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

de reterritorialisation, révélant des spatialités qui condensent des tensions liées à la classe sociale, au genre et à l'appartenance. La favela, la ville, la maison et la campagne apparaissent ainsi non seulement comme des lieux physiques, mais aussi comme des territoires affectifs et symboliques où mémoires, absences, conflits et désirs sont continuellement négociés. Il en ressort que l'écriture carolinienne transforme les territoires de l'exclusion en espaces de production de sens, élaborant une cartographie sensible des expériences diasporiques et montrant que, même au sein des géographies produites par la marginalisation, émergent des formes d'appartenance, de résistance et de réexistence.

Mots-clés: Espace diasporique, Carolina Maria de Jesus, Diaspora, Territorialité, Appartenance.

Na escrita romanesca de Carolina Maria de Jesus, os espaços não permanecem imóveis. Casas, ruas, favelas, fazendas e cidades movem-se juntamente com aqueles que os atravessam, carregando memórias, ausências, desejos e marcas de desigualdade. Mais do que ambientar as narrativas, tais espacialidades desenham uma cartografia sensível das experiências humanas, na qual cada deslocamento reconfigura formas de pertencimento e cada território revela disputas silenciosas entre acolhimento e exclusão. Nesse universo, o espaço converte-se em linguagem e testemunho, registrando não apenas a materialidade da pobreza e da marginalização, mas também as maneiras pelas quais sujeitos historicamente situados nas fronteiras sociais reinventam seus modos de existir e habitar o mundo.

Nessa cartografia narrativa, os espaços figurados por Carolina Maria de Jesus extrapolam a função de simples referências geográficas para se constituírem como instâncias produtoras de sentido. Inscritos nos corpos, nas paisagens e nas experiências das personagens, esses territórios revelam as marcas das desigualdades sociais, das hierarquias raciais e dos processos de exclusão que atravessam a experiência negra periférica. Mais do que cenários, cidade, favela, casa e campo configuram espacialidades permeadas por memórias, afetos e conflitos, nas quais se articulam processos de pertencimento, desenraizamento e reinvenção subjetiva. É nesse horizonte que os romances de Carolina Maria de Jesus permitem compreender o espaço como uma dimensão constitutiva da experiência humana, capaz de evidenciar tanto os mecanismos de marginalização que organizam a vida social quanto as estratégias por meio das quais os sujeitos negociam seus modos de habitar e significar o mundo. Sob essa perspectiva, os deslocamentos vivenciados pelas figuras femininas assumem particular relevância por revelarem como as travessias entre diferentes territórios engendram experiências marcadas por tensões, rupturas e reconfigurações de pertencimento.

Essa cartografia da desigualdade espacial delineia-se de maneira particularmente expressiva nos deslocamentos vivenciados pelas personagens femininas dos romances de Carolina Maria de Jesus. Nos fragmentos a seguir, os espaços urbano e rural emergem sob um olhar atravessado pelo encantamento, pela curiosidade e pela expectativa de uma existência mais promissora. Cidade, fazenda, canaviais e monumentos compõem, em um primeiro momento, paisagens carregadas de possibilidades, alimentando desejos de pertencimento e de mobilidade social. Contudo, à medida que a narrativa avança, essas mesmas paisagens deixam entrever as fissuras que atravessam os territórios, expondo hierarquias, fronteiras simbólicas e desigualdades que condicionam as experiências dos sujeitos. Nesse horizonte, a descrição dos ambientes, dos corpos em circulação e das sensações despertadas pelo contato com o espaço revela que a espacialidade caroliniana ultrapassa a função de mera ambientação narrativa. Os territórios figurados pela autora não apenas acolhem as trajetórias das personagens, mas inscrevem nelas marcas de exclusão, vulnerabilidade e resistência. Favela, cidade, casa e campo convertem-se, assim, em geografias afetivas e sociais nas quais memórias, ausências e expectativas se entrelaçam continuamente. Desse modo, os deslocamentos entre diferentes territórios inscrevem trajetórias marcadas por rupturas e reconfigurações de pertencimento, transformando o espaço em uma dimensão fundamental para compreender as tensões entre desejo, marginalização e sobrevivência que atravessam a escrita romanesca caroliniana. Essa dinâmica pode ser observada nos fragmentos a seguir:

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19703
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

> Ao meio-dia, eles chegaram em Ribeirão Preto. contemplou a cidade cheia de sol. Os habitantes sorridentes, demonstrando felicidade percorriam as ruas da ínclita cidade. Tomaram um taxi, seguiram para a fazenda. Maria Alice contemplou aquelas matas verdejantes e as faixas com as inscrições: "salve o "dr. silvio" porto". Fitou o disco solar que ia declinando-se. Era um sol abrasador que ela desconhecia, um sol que queimava a sua pele como se fosse soda cáustica. Os colonos sorridentes demonstrando felicidades percorriam a fazenda. que belas paisagens! os verdes variados dos arvoredos, verde claro e verde escuro. Fitava os canaviais e os cafezais. Silvio ia explicando, como é que se cultiva o arroz, o feijão e o café. – Você vai gostar da fazenda, tem muitas coisas agradáveis. Espero que goste da fazenda porque eu não sei o que a mamãe vai decidir. (Jesus apud Arruda, 2015, p.118).

> Ao meio dia, Maria Clara e Paulo chegaram em São Paulo. Ela fitava a cidade admirando-a:
>
> - Que deslumbramento! Que monumentos empolgantes!
>
> Ao chegar na Praça da Sé, Paulo despediu o motorista.
>
> - Que praça maravilhosa! Paulo disse: - é aqui que vamos residir.
>
> - Há facilidade para encontrar criada?
>
> Paulo fingia não ouvir as perguntas da espôsa. Tomou outro táxi e colocou as trouxas no porta mala. E mandou tocar para Guarulhos. (Jesus, 1963, p. 70).

Nos fragmentos apresentados, percebe-se que os espaços narrativos construídos por Carolina Maria de Jesus são atravessados por percepções ambíguas que articulam encantamento, estranhamento e desigualdade social. Conforme propõe Santos (2006, p. 11), o espaço deve ser compreendido como um "conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações", ultrapassando sua dimensão puramente física para constituir-se como construção histórica e social atravessada por relações econômicas, culturais e simbólicas. Nesse sentido, as paisagens descritas por Carolina (os canaviais, os monumentos, a fazenda, a cidade e os corpos que circulam nesses territórios) revelam não apenas uma configuração espacial concreta, mas também formas de organização social e relações de poder que posicionam as personagens em hierarquias marcadas por gênero, classe e desigualdade econômica. Assim, os deslocamentos entre cidade e campo evidenciam espaços produzidos por profundas contradições sociais, nos quais abundância e precariedade coexistem em uma lógica atravessada pela marginalização.

À luz dessa discussão, ao abordar a racionalidade do espaço contemporâneo como resultado das redes e dos processos de globalização, Santos (2006, p. 11) evidencia que os territórios são constituídos simultaneamente por uma tecnosfera, vinculada ao mundo material dos objetos, e por uma psicosfera, relacionada às experiências, às subjetividades e às práticas sociais. Tal perspectiva permite compreender que, nos romances carolinianos, os espaços extrapolam a condição de simples cenários, configurando-se como instâncias simbólicas que moldam os corpos e as subjetividades das personagens femininas. O desconforto provocado pelo "sol abrasador", os silenciamentos impostos pelas relações patriarcais e a recorrente experiência do deslocamento evidenciam sujeitos que habitam espacialidades marcadas por ambiguidades, nas quais se entrecruzam vínculos afetivos, tensões cotidianas e múltiplas formas de precarização e vulnerabilidade.

Em consonância com essa compreensão do espaço, percebe-se que a espacialidade na escrita de Carolina Maria de Jesus não se restringe à representação material dos territórios, mas se inscreve também na própria tessitura da linguagem literária. As narrativas carolinianas articulam o universo ficcional às experiências sociais e históricas, fazendo com que a palavra ultrapasse sua função meramente descritiva e se constitua como um território de memória, imaginação e sensibilidade. Nesse

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19703
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

sentido, Santos e Oliveira (2001, p. 74) afirmam que "o espaço também diz respeito ao modo como as palavras ocupam a página", evidenciando que a espacialidade literária se manifesta igualmente na materialidade do discurso e na organização simbólica da escrita. Assim, nos romances de Carolina Maria de Jesus, a palavra converte-se em espaço de inscrição das experiências sociais, afetivas e subjetivas, permitindo que o signo verbal seja apreendido não apenas em sua dimensão intelectual, mas também em sua potência imagética, afetiva e sensorial.

Tal perspectiva aproxima-se das reflexões de Bachelard (2008), para quem o espaço não pode ser reduzido à objetividade geométrica, por ser atravessado pelas parcialidades da imaginação e pelas experiências subjetivas dos sujeitos. Desse modo, a escrita caroliniana produz imagens que excedem a simples representação do real, convocando a/o leitora/leitor a atravessar, de maneira sensível, os deslocamentos, as precariedades, os silenciamentos e as tensões que marcam os corpos femininos e os espaços por eles habitados. Como afirma o autor, o espaço "é vivido" não em sua positividade, mas por meio das parcialidades da imaginação, permitindo alcançar o que denomina de fenomenologia da imaginação, isto é, compreender a natureza da imagem imaginada em sua dimensão subjetiva e sensível. Assim, a linguagem deixa de operar apenas como instrumento narrativo e transforma-se em matéria viva da experiência, capaz de reinscrever afetos, memórias e conflitos sociais presentes nas trajetórias das personagens. É justamente isso que Carolina realiza em suas narrativas, pois, mais do que descrever ambientes, ela elabora uma cartografia afetiva, imaginativa e social das relações humanas, convidando a/o leitora/leitor a ultrapassar experiências superficiais e a redescobrir o mundo por meio de uma intensa experiência de envolvimento, denúncia e reinvenção simbólica.

À luz dessas reflexões, as imagens espaciais presentes em *Pedaços da fome* e *Dr. Silvio* assumem papel central na construção do universo romanesco caroliniano. Favela, cidade, casa, rua e fazenda não figuram apenas como referências geográficas, mas constituem imagens que condensam relações sociais, afetos, conflitos e desigualdades. Nesse sentido, tais espacialidades aproximam-se da concepção peirceana de hipoícone, uma vez que tornam perceptíveis, por meio da linguagem, experiências marcadas pela pobreza, pela exclusão e pelas tensões de classe e de gênero. Ao mesmo tempo, esses espaços participam daquilo que Busatto e Motta (2010) compreendem como um espaço de linguagem, no qual a escrita deixa de apenas representar o mundo para produzir formas de experiência e significação. Dessa maneira, os percursos de Maria Clara e Maria Alice revelam como as imagens espaciais construídas por Carolina Maria de Jesus articulam sujeito, território e sociedade, permitindo compreender os processos de deslocamento, pertencimento e reconfiguração identitária que atravessam a narrativa.

Nesse horizonte teórico, espaço, lugar e gênero deixam de ser categorias isoladas para se entrelaçarem nas formas de habitar o mundo. Como observa Almeida (2015, p. 20), essa relação pode ser percebida na divisão tradicional entre os espaços público e privado, na associação do lar ao feminino e nas diferentes possibilidades de circulação, permanência e vulnerabilidade impostas aos sujeitos a partir das relações de gênero. Nas narrativas de Carolina Maria de Jesus, tais questões ganham corpo e movimento. Os espaços percorridos pelas personagens não funcionam apenas como cenários, mas como territórios marcados por limites, travessias, interditos e resistências. Cada casa, rua, cidade ou percurso revela modos distintos de existir, pertencer e enfrentar as desigualdades. Em *Pedaços da fome* e *Dr. Silvio*, espaço e gênero se entrecruzam continuamente, desenhando uma geografia sensível das experiências femininas. Tais percepções ecoam nas obras romanescas carolinianas, conforme revelam os excertos apresentados a seguir.

> Dona Julia ficou horrorizada com o que ouviu. Olhou a estante: não havia um livro, todos estavam encaixotados. Abriu as gavetas, o guarda-roupas estava vazio e as malas fechadas. Maria Alice foi avisá-la que estava na hora de dar o remédio ao Silvio. Dona Julia mirou o corpo de sua filha e chorou. Interrogou-a, ela contou-lhe tudo. Dona Julia chamou o médico para perguntar-lhe se era grave a enfermidade de Silvio. Estava preocupada: e se o Silvio expirasse?

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19703
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

> Sua dor foi imensa... a felicidade ausentou-se de sua casa sem aviso prévio e cedeu o lugar para as tristezas, as desgraças e as desventuras. Que trio fatal! Quando persegue uma pessoa, definha-lhe a alma. Os pensamentos a atormentavam. Meu Deus! Eu tive pressentimento, por que não mandei o Silvio ir-se embora? Meus receios não eram infundados. Pensava na sua filha, que ela criou com tanto afeto. Sem nome e com um filho ilegítimo. Quantos aborrecimentos! A fatalidade e a desonra combinaram para atacá-la. (Jesus apud Arruda, 2015, p. 115)

> Quando o carro chegou em Guarulho, Paulo indicou o lugar. Desceram numa ruela.
>
> - Que lugar horrível disse Maria Clara. Dirigiram-se para uma habitação coletiva, Paulo empurrou o portão. A casa era muito velha. Maria Clara acompanhava-o desconfiada. "Que ambiente esquisito". Foram para um quartinho lá nos fundos. No fim do quintal. Maria Clara fitava os varaes cheios de roupas, as crianças brincando naquele corredor sujo e mal cimentado. Paulo deu um longo suspiro, reuniu as forças e disse-lhe:
>
> - É aqui a minha casa.
>
> Quando Maria Clara viu o quartinho ficou petrificada
>
> - Meu Deus, então você é pobre? Meu Deus, pobre não presta! Não tem valor. Não tinha móveis, apenas uma cama de arame. E um colchão sujo e roto. Não tinha assoalho. Apenas um ladrilho gastos pelo tempo. Ergueu os olhos para o teto. Não tinha fôrro.Ficou imóvel, olhou ao redor procurando ao menos um caixote para ela descansar-se porque estava exausta. Não adormeceu na viagem. Era a primeira vez que ela entrava num lugar tão pobre. Descohecia as classes sociais; não sabia que existia paupérrimos, médios e ricos. Fitou seu espôso encolerizado. Ela enfrentou o seu olha. (Jesus, 1963, p. 71).

Os trechos evidenciam que os espaços romanescos de Carolina Maria de Jesus ultrapassam a função de estatuto de simples molduras narrativas para se constituírem como lugares de inscrição das experiências sociais, afetivas e identitárias das personagens femininas. Em *Dr. Silvio*, a casa é marcada pela ausência e pela ruptura: os livros encaixotados, os guarda-roupas vazios e as malas fechadas anunciam o esfacelamento de uma ordem familiar até então associada à estabilidade, fazendo com que o espaço doméstico deixe de representar acolhimento para tornar-se a materialização da dor, da incerteza e da desagregação dos laços afetivos. Em *Pedaços da fome*, por outro lado, o deslocamento de Maria Clara para uma habitação coletiva promove um confronto radical com uma realidade social até então desconhecida, revelada pelo olhar que percorre o corredor sujo, os varais repletos de roupas e o quarto precário, elementos que transformam o espaço em marcador das desigualdades de classe. Nessa perspectiva, os deslocamentos vivenciados pelas personagens aproximam-se da noção de diáspora proposta por Stuart Hall (2003), uma vez que produzem experiências de desenraizamento e reconfiguração identitária, nas quais pertencimentos e referências anteriores são continuamente questionados. Favela, casa, cortiço e cidade emergem, assim, como territórios de trânsito e reinvenção, nos quais as personagens negociam suas formas de existir e de habitar o mundo. Ao tecer essas espacialidades, Carolina tensiona a concepção bachelardiana da casa como "espaço feliz", apresentando ambientes atravessados pela precariedade, pela exclusão e pela instabilidade, mas também por processos de resistência e reinvenção subjetiva. Dessa forma, os espaços representados pela autora revelam-se profundamente vinculados às relações de gênero e de classe, convertendo-se em uma cartografia sensível das experiências femininas e das múltiplas formas de pertencimento e deslocamento que atravessam suas trajetórias.

Na obra *A Poética do Devaneio*, Bachelard (2009, p. 8) compreende a imaginação como uma

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19703
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

força criadora voltada para o futuro, capaz de ultrapassar os limites da realidade imediata e abrir novas possibilidades de existência. Para o autor, a imaginação não se restringe à compreensão do real, mas constitui um movimento de expansão do ser, uma vez que "tenta um futuro" e produz mundos sonhados que alargam a experiência humana. Nessa perspectiva, o devaneio poético configura-se como um exercício de liberdade que afasta o sujeito das "pesadas estabilidades" e o conduz à construção de novas formas de habitar o mundo. Tal compreensão mostra-se particularmente fecunda para a leitura de *Pedaços da fome* e *Dr. Silvio*, de Carolina Maria de Jesus, pois, embora suas narrativas estejam profundamente enraizadas em contextos marcados pela pobreza, pela exclusão e pelas desigualdades sociais, elas não se limitam à representação dessas realidades. Ao contrário, a autora tece imagens, afetos e experiências que projetam horizontes de transformação, deslocando personagens e leitores para além das fronteiras do já dado. A imaginação emerge, assim, como uma força pluralizadora que rompe leituras reducionistas de sua escrita e permite vislumbrar, em meio às adversidades, possibilidades de reinvenção subjetiva, resistência e pertencimento. Desse modo, os espaços, os deslocamentos e os devaneios presentes em suas obras não apenas retratam uma realidade social, mas instauram mundos possíveis que ampliam a experiência do sujeito e revelam a potência criadora da literatura como abertura para outros modos de ser e existir.

Outro aspecto significativo nos enredos carolinianos seria a permanência de um espaço periférico urbano específico, impregnado de fome e miséria. A representação do espaço ganha peso, assim, não se limitando em seu aspecto físico, como também no que é possível denominar de abstrato territorial, com a finalidade de "articular os significados que as desigualdades sociais e a cidadania podem constituir na contemporaneidade" (Thomaz, 2015, p. 106). Nesse sentido, a escrita romanesca de Carolina Maria de Jesus configura uma cartografia sensível das espacialidades urbanas, na qual corpo e cidade se entrelaçam de maneira indissociável. Ao inscrever as experiências vividas na materialidade social, a autora faz emergir diferentes modos de habitar e significar a cidade, revelando as poéticas que se constituem nas margens e nas múltiplas formas de existência que atravessam o espaço urbano:

> No outro dia quando os raios solares já haviam penetrado pelas frestas clareando o barracão no interior, Paulo deixou o leito e foi buscar água. Ficou horrizado com a fila de latas e compreendeu que em qualquer direção que o pobre inclina-se encontra dificuldades. Suplicou com infinita delicadesa um pouco de água para preparar o café para a sua espôsa (Jesus, 1963, p.183).

Segundo Santos (2006, p. 70), o espaço no mundo físico constitui-se por meio da experiência corporal do sujeito em movimento, de modo que é através do corpo que o indivíduo percebe, organiza e atribui sentido às dimensões espaciais que o cercam. Nessa perspectiva, o espaço não se apresenta como uma realidade neutra ou exterior ao sujeito, mas como uma construção continuamente atravessada por experiências corporais, afetivas, históricas e sociais que orientam sua inserção no mundo. O corpo assume, portanto, uma posição central na constituição das espacialidades, pois é a partir dele que se estabelecem coordenadas de pertencimento, deslocamento e percepção. Essa reflexão revela-se particularmente fecunda para a leitura dos romances de Carolina Maria de Jesus, nos quais os corpos das personagens percorrem espaços atravessados pela fome, pela pobreza, pelos deslocamentos e pelas tensões sociais. É por meio desses corpos que a cidade, a favela, o cortiço e a casa adquirem significado, transformando-se em territórios onde se inscrevem dores, memórias, afetos e formas de resistência. Assim, a dimensão ético-estética de sua escrita emerge da maneira como a experiência corporal converte o espaço em linguagem, memória e existência. Nas narrativas carolinianas, o corpo negro não apenas atravessa os territórios urbanos, mas deixa neles as marcas de sua presença, transformando a espacialidade em uma experiência sensível capaz de revelar as fraturas sociais e, simultaneamente, fazer germinar novas formas de pertencimento, reconhecimento e resistência.

Nesse contexto, a noção de corpografia urbana proposta por Jacques (2008) constitui uma categoria analítica particularmente operatória para a leitura dos romances de Carolina Maria de Jesus,

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19703
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

na medida em que permite compreender a cidade como uma experiência inscrita no corpo daqueles que a atravessam. Mais do que espaços físicos, ruas, cortiços, casas, quintais e bairros configuram registros sensíveis de deslocamentos, afetos e vivências que deixam suas marcas tanto nos sujeitos quanto na própria escrita. Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Conceição Evaristo (2026, p. 100), para quem o corpo negro constitui o primeiro signo visível da diferença e carrega as inscrições históricas de processos de vigilância, interdição e exclusão. Entretanto, se a violência colonial produziu marcas profundas sobre esse corpo, a literatura emerge como um gesto de reinscrição e elaboração simbólica da experiência. Nessa direção, Evaristo compreende a escrita afro-brasileira como uma "escritura do corpo", na qual memória, experiência e resistência se convertem em matéria literária. Tal compreensão permite pensar Carolina Maria de Jesus como um corpo-autora, cuja escrita se constitui como espaço de inscrição de memórias, experiências e deslocamentos historicamente vividos. Em seus romances, o espaço não aparece apenas como tema ou cenário, mas como matéria viva da narrativa, transformada em linguagem por uma autora que converte a experiência urbana em cartografia sensível. Ao fazê-lo, Carolina dessitua representações cristalizadas sobre os territórios marginalizados e produz uma poética capaz de reinscrever memórias, afetos e formas de resistência, transformando a escrita em um espaço de presença, elaboração e permanência.

> O coronel pretendia encontrar a sua filha, para gosar a tranquilidade na fazenda. O coronel já estava saturado de São Paulo com suas greves que não beneficiam um operário porque pedem o aumento de salário quando deviam pedir, para diminuir os preços dos gêneros alimentícios, diminuir os preços das conduções e outras utilidades. Observava que os senadores e deputados não promovem greve para aumentar os seus subsídios. Criticava os deputados que trabalhavam quatro dias num mês ganhando Cr$ 200000,00. (Jesus, 1963, p. 200)

> Silvio olhava as ruas e várias construções compreendendo que a cidade estava dilatando-se. Se a sua sogra voltar e cuidar de suas filhas, ele ia abrir um escritório. Quando chegou em casa estava com fome. E mais calmo. Dona Julia contratou uma criada que dizia ser nortista e queixava-se que os políticos não favorecem o norte, que eles são obrigados a deixar o seu estado e vir para São Paulo e ter que ser favelado. E a sociedade discrimina o infeliz que é obrigado a viver nas favelas. Esquecendo eles que ninguém é favelado por vontade própria. (Jesus apud Arruda, 2015, p. 229).

Nos romances de Carolina Maria de Jesus, a cidade não se apresenta como um espaço homogêneo ou estável, mas como um território atravessado por exclusões, disputas e movimentos que redefinem continuamente as formas de habitar e pertencer. Ao representar sujeitos empurrados para as margens da capital paulista pela pobreza e pela impossibilidade de permanecer nos espaços centrais, a autora evidencia uma geografia marcada por fronteiras sociais que distinguem aqueles autorizados a ocupar a cidade daqueles cuja existência é continuamente relegada às suas periferias. Nesse sentido, a favela emerge não apenas como consequência de processos econômicos e urbanos, mas como a materialização de experiências de desterritorialização que reconfiguram trajetórias, afetos e modos de vida. Ao mesmo tempo, a expansão da cidade observada por Silvio e o incômodo manifestado pelo coronel diante das transformações sociais revelam que o urbano também se constitui como espaço de conflito entre diferentes visões de mundo e projetos de sociedade. Carolina costura, assim, uma cartografia das desigualdades, na qual ruas, construções, bairros e moradias deixam de compor uma simples paisagem para converter-se em signos das tensões produzidas pela modernização excludente. Sua escrita transforma a cidade em linguagem sensível, fazendo emergir uma poética que ilumina aquilo que frequentemente permanece invisibilizado: corpos, memórias e existências que sustentam a própria construção do espaço urbano. É nesse movimento que a autora converte a experiência da margem em potência narrativa, reinscrevendo na literatura sujeitos e territórios historicamente situados nas fronteiras do

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19703
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

pertencimento social e da cidadania.

Ao percorrer os espaços urbanos configurados por Carolina Maria de Jesus, a/o leitora/leitor se depara com uma realidade marcada por precariedades, deslocamentos e múltiplas formas de exclusão. Sua escrita evidencia que aqueles que habitam as periferias da capital paulista não podem ser reduzidos à invisibilidade social, sobretudo diante das violências simbólicas, subjetivas e estruturais que atravessam suas existências. A população que ocupa as favelas representadas em seus romances permite pensar em um processo diaspórico urbano-urbano (centro-periferia), e não apenas rural-urbano, uma vez que muitos desses sujeitos foram compelidos a abandonar as áreas centrais da cidade (ou mesmo a migrar de outras regiões do país em busca de melhores condições de vida) para ocupar as margens urbanas, em razão da impossibilidade de arcar com os custos da habitação. Nesse contexto, a favela configura-se não apenas como um espaço de moradia, mas como a materialização de processos de exclusão, desterritorialização e reorganização da vida social. A dificuldade de acesso à cidade e aos seus recursos revela que o espaço urbano é atravessado por profundas desigualdades, fazendo com que determinados sujeitos sejam continuamente deslocados para territórios marcados pela precariedade e pela negação de direitos básicos.

Ao fabular suas narrativas, Carolina Maria de Jesus não desvia o olhar das assimetrias que organizam a vida social brasileira. Sua escrita ilumina as fissuras de um país marcado por profundas desigualdades, expondo os contrastes entre aqueles que acumulam privilégios e aqueles cuja existência é continuamente atravessada pela precariedade. Quando afirma escrever "a miséria e a vida infausta dos favelados", a autora converte a literatura em um lugar de inscrição e permanência de experiências frequentemente relegadas às margens. Contudo, sua escrita não se restringe ao registro documental do real. Ao transfigurar a experiência social em matéria narrativa, Carolina desloca para o campo literário as contradições do cotidiano, urdindo uma trama em que realidade e ficção se entrelaçam sem que uma anule a outra. Seus romances transformam a desigualdade em linguagem e fazem da literatura um espaço onde as tensões sociais, econômicas e humanas adquirem espessura estética e densidade simbólica. Assim, mais do que retratar a exclusão, Carolina reinscreve na cena literária sujeitos, vozes e experiências historicamente silenciados, convertendo a escrita em gesto de memória, denúncia e permanência, mas também em exercício de imaginação capaz de deslocar os limites do visível e do dizível.

Pedaços da fome, de Carolina Maria de Jesus, possibilita pensar o trânsito campo-cidade-campo para além de uma práxis sistemática ficcionalizada na diegese romanesca. Por meio da trajetória de Maria Clara, a autora inscreve o espaço como categoria constitutiva da experiência subjetiva, articulando deslocamentos geográficos e processos de ressignificação do pertencimento. A figura de mulher atravessa espacialidades distintas (a fazenda no interior paulista, a capital de São Paulo e o retorno ao espaço de origem) que podem ser analisadas à luz dos movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, conforme Deleuze e Guattari (1997). Mais do que simples mudanças de cenário, tais deslocamentos configuram experiências que tensionam memória, identidade e lugar, revelando a espacialidade como elemento estruturante da narrativa.

> - Pois eu já estou farta desta vida apática. Eu nasci aqui. Aqui fiz os meus estudos. Sei que existem outros países e outras cidades porque lí na geografia, sei que cada país tem seus hábitos e alguns o idioma próprio. E que ainda há vários países com colônias derivadas. Mas eu gostaria de conhecer êstes países. Deve ser belíssimo! (Jesus, 1963, p. 28).

> - Que hei de fazer, meu Deus? Viver dentro de um único quarto, sem confôrto, sair de um palácio para residir num estábulo. (Jesus, 1963, p. 72)
>
> Finalmente resolveram ir de avião sendo que em pouco tempo Maria Clara estava novamente em sua casa materna. Extranhou muito. Achou tudo muito diferente e o que a deixava mais triste era a ausência da sua mãe (Jesus, 1963, p. 215).

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19703
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Ao vivenciar distintos territórios e estabelecer com eles relações igualmente diversas, a personagem inscreve-se em uma experiência espacial múltipla, marcada por sucessivos processos de territorialização e reterritorialização. Desse modo, sua trajetória pode ser compreendida à luz da multiterritorialidade proposta por Haesbaert (2011), segundo a qual os sujeitos podem articular diferentes formas de pertencimento e apropriação do espaço. Contudo, em *Pedaços da fome*, essa experiência não se configura como um privilégio, mas como uma condição atravessada pela precariedade. Quando passa a viver na favela, Maria Clara transita continuamente entre a margem e o centro urbano, sobretudo durante as incursões pelas ruas paulistanas em busca de alimento para os filhos. Embora circule por múltiplos territórios da cidade, sua presença neles permanece condicionada por relações assimétricas de poder. Nesse contexto, a personagem ocupa a posição do Outro, uma vez que é constantemente interpelada pela polícia, que a associa à mendicância e à criminalidade, desconsiderando as condições materiais que produzem sua vulnerabilidade. Tal dinâmica evidencia que a multiterritorialidade não elimina as fronteiras sociais; ao contrário, revela como diferentes territórios podem ser acessados de maneira desigual. Assim, o trânsito de Maria Clara entre centro e periferia expõe não apenas a pluralidade de suas experiências espaciais, mas também os mecanismos de exclusão que regulam quem pode ocupar legitimamente a cidade e sob quais condições.

> O coronel, o inspetor, e o motorista iam atravessando a avenida, iam galgar as escadas quando o inspetor parou e exclamou: - oh! Vagabunda! você na rua outra vez? Pedindo esmola hem! Outro dia teus filhos foram para o juizado. Mas hoje você vai presa. É uma vergonha uma cidade como São Paulo infestada de mendigos. Vocês arranjam filhos para que êles sejam o meio de vida de vocês. Hoje os teus filhos vão voltar ao juizado novamente. (Jesus, 1963, p. 202)

Dr. Silvio, de Carolina Maria de Jesus, oportuniza observar os processos de desterritorialização, conforme postulam Deleuze e Guattari (2000), e de diáspora a partir da dimensão subjetiva dos deslocamentos vivenciados por Maria Alice. Na narrativa, os movimentos da personagem não se restringem a mudanças geográficas, mas estão profundamente vinculados às relações interpessoais que atribuem sentido aos espaços habitados. Assim, a figuração espacial na obra caroliniana ultrapassa a descrição do ambiente físico, constituindo-se sobretudo pelas experiências afetivas e sociais nele produzidas. A relação de Maria Alice com a fazenda ilustra esse processo, uma vez que, embora aquele espaço configurasse seu lar, a convivência conflituosa com a sogra transformava-o em um ambiente de opressão. Nesse sentido, sua partida pode ser compreendida como um movimento de desterritorialização motivado pela busca de autonomia e pertencimento. Tal leitura dialoga com Bachelard (2008, p. 200), para quem "a casa é nosso canto do mundo", um cosmos de proteção e intimidade. Entretanto, para Maria Alice, a fazenda não correspondia a esse universo acolhedor. Todavia, a mudança para a cidade não representa a resolução dos conflitos, mas a inserção em novas formas de instabilidade, uma vez que a personagem passa a enfrentar tensões decorrentes das relações afetivas estabelecidas com Silvio e da descoberta de sua infidelidade. Dessa forma, a narrativa evidencia que os deslocamentos espaciais não conduzem necessariamente à estabilidade, mas inauguram novos processos de negociação identitária e de reterritorialização.

> O médico recomendou repouso e distração para Maria Alice, além de um calmante para ela dormir, pois estava esgotada. Não tinha ninguém que se preocupasse com ela, permanecia mais dentro do seu quarto, tinha a impressão de que estava em um exílio. Pensava na sua mãe. Se estivesse na sua casa, podia convidá-la para passar uns dias com ela. Dona Julia lhe escrevia e dizia que estava com muitas saudades da netinha. Silvio resolveu separar-se de sua mãe, percebia que ela não tolerava a presença de Maria Alice. Estava construindo sua casa na cidade. Assim que terminasse, ia embora. Maria Alice estava satisfeita, porque entre ela e sua sogra não havia solidariedade. Quando ela deixou a fazenda, sentiu-se leve como uma pluma. A melancolia não a deixava um instante extinguir-se. Preparou sua residência ao seu gosto. Ela mesma preparava as refeições, não era exigente, conformava-se com a mesada que Silvio lhe dava (Jesus apud

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19703
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Arruda, 2015, p. 126)

> E lá se foi Maria Alice para a cozinha. Era um pretexto de Silvio para ficar sozinho com Olga. Quando Maria Alice veio com o café, ele recusou. Maria Alice retirou os pratos da mesa. Silvio e Olga foram para o pomar. Maria Alice foi cuidar dos seus deveres, deixando os dois a sós. Na hora do almoço ela servia as crianças e servia o Silvio, quando ela ia almoçar, já estava frio. (Jesus apud Arruda, 2015, p. 138).

O termo diáspora, talvez, propicie pensar, de acordo com Gilroy (2007, p. 152), uma "fissura histórica e experimental" entre os lugares de residência e os lugares de pertencimento. A partir dessa perspectiva, a experiência diaspórica revela-se como uma condição na qual o sujeito habita espaços sem necessariamente ancorar-se por completo neles, tecendo vínculos que desafiam as formas convencionais de identificação produzidas pelos Estados-nação e pelos modelos modernos de cidadania. Sob essa ótica, os enredos carolinianos permitem compreender a diáspora não apenas como deslocamento físico, mas como uma travessia existencial marcada pela permanente negociação entre memória, afeto e pertencimento. As personagens de Carolina Maria de Jesus carregam consigo vestígios dos espaços outrora habitados, de modo que residência e pertença nem sempre coincidem. Tal perspectiva possibilita interpretar os percursos de Maria Clara e Maria Alice como experiências atravessadas por tensões identitárias, afetivas e espaciais, nas quais o pertencimento não se fixa em um único território, mas se constitui como uma tessitura móvel e relacional, continuamente refeita entre partidas, permanências e reencontros.

A reflexão de Zeleza (2020) amplia as considerações de Gilroy (2007) ao compreender a diáspora não como uma experiência homogênea, mas como um fenômeno marcado por múltiplas temporalidades, espacialidades e formas de pertencimento. Se, para Gilroy, a diáspora evidencia uma fissura entre os lugares de residência e os lugares de pertença, Zeleza chama atenção para a necessidade de resistir aos modelos hegemônicos que tendem a simplificar essa experiência, ressaltando seu caráter processual, dinâmico e historicamente situado. Nessa perspectiva, a diáspora não se reduz ao deslocamento geográfico, mas envolve a constituição de memórias, vínculos afetivos e redes simbólicas que conectam sujeitos a territórios reais e imaginados. Tal compreensão dialoga com as personagens de Carolina Maria de Jesus, cujas trajetórias revelam que habitar um espaço não implica pertencer necessariamente a ele. Entre partidas, permanências e reencontros, seus percursos desenham cartografias marcadas por rupturas, continuidades e reinvenções, nas quais os lugares deixam de ser meros cenários para se converterem em experiências vividas e constantemente ressignificadas. Nesse sentido, a diáspora pode ser compreendida como uma experiência relacional que desafia fronteiras fixas e permite pensar o pertencimento, tal como sugere Hall (2003), para além de territorialidades estáveis, constituindo-se como uma tessitura continuamente refeita entre memória, deslocamento e modos de habitar o mundo.

Os romances carolinianos e a representação de espacialidades diaspóricas possibilitam estabelecer uma dinâmica de relações intersubjetivas que evidencia as contradições de uma sociedade que se autoproclama industrializada, globalizada e igualitária, mas que continua a reproduzir hierarquias de acesso, circulação e pertencimento. Nas narrativas de Carolina Maria de Jesus, os sujeitos em trânsito deslocam-se entre o centro urbano e a favela, bem como entre o campo e a cidade, revelando percursos atravessados por desigualdades que tensionam o discurso meritocrático frequentemente associado à mobilidade social. Nesse contexto, emerge uma questão fundamental: os espaços constituídos pelos rastros daqueles que foram lançados para as margens podem converter-se em lugares de pertencimento e acolhimento? A escrita caroliniana desloca essa questão de uma lógica da falta para uma lógica da potência, ao evidenciar que as margens também produzem pertencimentos, memórias e modos de existência. Distanciando-se das representações que reduzem a favela à precariedade ou à exclusão, Carolina inscreve tais espacialidades como territórios vivos, atravessados por afetos, confli-

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19703
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

tos, solidariedades e saberes que emergem precisamente da experiência da marginalização. Assim, os espaços figurados em seus romances assumem um caráter disruptivo, pois desestabilizam imaginários hegemônicos sobre a cidade e revelam que os territórios historicamente produzidos pela exclusão também são lugares de criação, resistência e reexistência, nos quais sujeitos subalternizados tecem outras formas de habitar, significar e reinventar o mundo.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Aline Alves. **Carolina Maria de Jesus: Projeto Literário e Edição Crítica de um Romance Inédito**. 257 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BUSATO, Susanna.; MOTTA, Sérgio Vicente (Org.). **Figurações Contemporâneas do Espaço na Literatura**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica / Editora da UNESP, 2010.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Mobilidades culturais, geografias afetivas: espaço urbano e gênero na literatura contemporânea. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (orgs.). **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Vol. 05**. São Paulo: Editora 34, 1997.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Rio de Janeiro: Pallas, 2026.

GILROY, Paul. **Entre Campos. Nações, Cultura e o Fascínio da "raça".** São Paulo: Annablume, 2007.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: Do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Pedaços da fome**. São Paulo: Áquila, 1963.

JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas.** Vitruvius. Fevereiro, 2008. Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165. Acesso em: 30 abr. 2026.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Luís Alberto Brandão.; Oliveira, Silvana Pessôa de. **Sujeito, tempos e espaço ficcionais:** Introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

THOMAZ, Paulo C. Superfícies impróprias: Ferréz e a figuraçãoda geografia metropolitana. In: AZEVEDO, Luciene; DALCASTAGNÈ, Regina (Orgs.). **Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015.

ZELEZA, Paul Tiyambe. **Diásporas Africanas: Para uma História Global. Contemporênea.** 2020. Disponível em: https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/108/pd. Acesso em: 17 mai. 2026.